

GERADOR

O GERADOR REVISTA INICIATIVAS RÁDIO FAÍSCA INSTIES AUTORES AGENDA LOJA



À CONVERSA COM A TERESA ASCENÇÃO NA AUTORIDADE LOCAL
A CONVERSATION WITH THE TERESA ASCENÇÃO BY OUR LOCAL AUTHOR

O Terry Costa é a nossa autoridade local nos Açores, porque de lá percebe ele :-)

Na edição de Maio da Revista Gerador, dá-nos a conhecer a Teresa Ascensão, artista que trabalha áreas como a multimédia, a performance ou as artes plásticas, com quem conversou. Descobre tudo já aqui :-)

Quem é a Teresa Ascensão para lá da arte?

Só recentemente comecei a trazer a público as minhas lutas contra as tentativas de travarem a minha questão sexual. Essas tentativas foram-me primeiramente impostas enquanto jovem, sob a forma de violência emocional e física. Continuaram por mais [vinte e cinco anos] sob a forma de excomunhão. Isso teve um impacto muito significativo na minha vida e tem sido o ímpeto por trás da minha arte.

Sem falar com ninguém sobre essas dificuldades, as vidas das mulheres que me rodeiam e na televisão canadense constantemente me lembraram que eu deveria ter direitos iguais e ser tratada com respeito. Essas mensagens eram muito maiores em número e força do que as que estavam em conformidade. Eu revoltei-me contra as coerções, e finalmente escapei – para salvar a minha alma. Essa luta trouxe muita dor, mas principalmente liberdade. Como resultado, eu tornei-me alguém que empurra contra as pressões sociais em conformidade com os papéis normativos de género.

Numa idade jovem aprendi, mental e espiritualmente, a escapar de tempos difíceis mergulhando na arte visual. Descobri que não só poderia expressar dor através da arte, mas também criar mundos que me faziam feliz. A arte era como um amigo que escutava, entendia e apresentava um futuro melhor.

Demorei muito tempo para encontrar paz na vida. Grande parte da minha paz veio de lidar com questões sobre género e sexualidade e dar-me uma voz através da arte. À medida que entro na meia-idade, aprendi a expandir essa paz ao me dar atos de bondade, como alimentos saudáveis, sol, prazer sexual, momentos de silêncio e criatividade sozinha e cercando-me de amigos e familiares que partilham valores semelhantes.

Nudez e herança são uma parte importante da tua identidade artística. Como tem sido aceite pelo mundo? As audiências portuguesas (em Portugal e na diáspora) fizeram parte do processo?

Eu vejo a herança como uma faca de dois gumes. Num lado, a herança por longos períodos de tempo esculpe coisas bonitas como a unidade de um povo, trabalhos artesanais refinados, pratos reconfortantes e domínio de instrumentos folclóricos, canções e bons vinhos. No outro, o património corta uma série de regras e rituais que excluem, oprimem e até exercem violência sobre aqueles que não se conformam. Da minha experiência, estes são os padrões duplos e as repercussões que as mulheres experimentam ao comportar-se como homens. Podem ser ignoradas ou silenciadas por expressarem uma forte voz pública, ou ser negativamente julgados, excomungadas e fisicamente violadas por expressarem uma questão sexual.

As obras de arte referentes ao património, como a Laced Cobblestone, são rapidamente abraçadas pelo português e pela sua diáspora. Uma vez concluído, os membros do público automaticamente se relacionam com as imagens tradicionais. O que baralha as pessoas é como eu crio o trabalho de joelhos durante meio do dia, trabalhando sobre paralelepípedos durante horas no meio do trânsito. Eu queria sentir como é para os homens realizar o trabalho manual sob o sol quente. Acabei com uma insolação. Também recebi muitos olhares confusos e preocupados. E quando o trabalho desapareceu com a chuva, havia outro elemento de confusão, porque a arte visual deveria durar. Laced Cobblestone foi intencionalmente criado com materiais impermanentes para chamar a atenção para a fragilidade do trabalho de crochet e a invisibilidade do trabalho doméstico das mulheres, que não é público como o trabalho dos homens.

A nudez é um elemento mais novo no meu trabalho, que só recentemente fez o seu caminho para a superfície da minha prática. Começou na praia naturista de Hanlans em Toronto. Literalmente, comecei a afastar as camadas de cultura que hiper-sexualiza, envergonha, exclui e normaliza o corpo – uma cultura que descarta toda a pessoa genuína em favor de formas e comportamentos idealizados do corpo. Hanlans foi onde me tornei uma naturista para fins de auto-aceitação e auto-amor. Este também foi o início de me tornar confortável usando o meu corpo para me expressar criativamente.

Os trabalhos que incorporam nudez, como uma série de fotografias de The Laundry Series e obras de arte de performance Purging e Helping, são obras mais recentes ainda a serem apresentadas ao público português. Postei algumas amostras no facebook com relutância porque alguns dos amigos e familiares ligados ao meu facebook ainda têm valores açorianos tradicionais enraizados no catolicismo. Por um lado, fiquei surpresa e emocionada com o apoio que recebi de um casal de primos, por outro lado fui sinalizada por publicar conteúdo considerado inadequado. Mais recentemente, coloquei trabalhos de artistas da residência de arte Naked State, que produzo. Esta é uma residência de dez dias, em que os artistas internacionais, e eu enquanto facilitadora, vivem como naturistas (a nu) dentro de uma comunidade naturista para criar obras de arte explorando o corpo humano nu no contexto da natureza, cultura e arte. Desta vez, recebi uma segunda advertência do facebook que me proibia por vinte e quatro horas. Eu entendo que as penalidades aumentem até que a conta seja encerrada. Há uma linha fina em interpretar o que o facebook permite como nus de arte. Também não há como saber quem marcou o meu trabalho. Não significa que tenham sido pessoas que possuem valores tradicionais açorianos. Poderia ter sido qualquer um. O tempo dirá como o trabalho é recebido em exposições do mundo real.

Trabalhar com a terra e criares os teus próprios pigmentos levou-te além do que imaginaste pela primeira vez?

Acredito que te estás a referir à pasta de farinha e água que usei para criar a Laced Cobblestone no Festival Fringe, e a Daily Bread, uma série de fotografias feitas a partir de emulsões de suco de plantas. Mesmo que grande parte do meu passado envolva trabalhos digitais e fotografia, seleciono sempre diferentes meios para me expressar – o meio que mais diretamente expressar o significado do trabalho. Portanto, trazer pigmentos terrosos e feitos à mão não é novo neste sentido.

Preciso de uma conexão mais direta e física no processo criativo e nos resultados do meu trabalho. Talvez agora, que introduzi o meu próprio corpo diretamente na minha prática, os materiais e processos que anteriormente incorporava nas obras de arte fotográfica e digitais estejam a vir ao de cima – quase como se trouxesse a série Maria para a vida real. Através do processo criativo, permito que o meu corpo se envolva fisicamente com materiais como farinha e tecidos. Estou a planear uma obra de arte intitulada Wearing Black. Será uma instalação específica realizada com tecidos pretos e farinha branca. Limitar-me-ei na cor, material e espaço como a estrutura de base para este trabalho. Experimentação com a instalação, construções de tecido e movimentos corporais irão orientar o processo e os resultados. Depois de começar a explorar o Wearing Black durante o Azores Fringe Festival em 2017, vou propô-lo para uma residência no Centro de Arte Contemporânea do Arquipélago, São Miguel.

Podes descrever o teu momento favorito na tua carreira artística, até agora?

Este momento na minha carreira, neste momento, é o meu favorito. Pela primeira vez, estou a desfrutar do processo criativo e não apenas concentrada no objetivo do produto final. No passado costumava ficar stressada com as coisas que podiam não funcionar. Quinze anos de experiências com vários meios e o facto de que as obras de arte sempre levam à fruição de alguma forma deram-me fé suficiente para deixar de lado as tensões anteriores.

Também tenho apreciado a apresentação das obras de arte. Neste Outono, tive o grande prazer de me apresentar como bailarina no Water Portals – um trabalho de arte ativado por corpos de bailarinos ao vivo sob um véu de ondulações de água geradas artificialmente. Ao realizar este trabalho, percebi que estou a viver um sonho, tocando o meu próprio corpo. Quando era criança, queria ser bailarina, mas acabei a ser uma artista visual, porque a arte visual permitiu-me distanciar-me e até mesmo ser anónima para o público. Parecia mais seguro. É apenas agora que me sinto confiante o suficiente para me expressar através do meu corpo e através do movimento. Tenho assistido a oficinas de movimento e performance, para ajudar a incorporar essas formas de expressão corporal em trabalhos futuros.

O que te inspira?

Pessoas que me contam as suas histórias. Sentir-me una com a natureza. Acreditar na liberdade. Ajudar a fazer a mudança.

Qual a pergunta a que gostarias de responder, mas ainda ninguém te perguntou?

A minha pergunta é aquela que me pede para expandir a tua pergunta anterior sobre inspiração – para descrever algo em detalhe que me inspirou recentemente.

Este verão na praia de Hanlans, um homem subitamente entrou na água onde eu estava a nadar. Ele entrou na água até à altura do peito, usando sapatos, gravata e fato de negócios. Uma multidão de perguntas correu pela minha mente a perguntar porque é que ele tinha feito isso. Mais tarde, alguns amigos disseram-me que achavam que ele pudesse estar a tentar o suicídio. Eu não pensei assim porque eu podia ver o seu rosto quando ele se aproximou. Estava cheio de curiosidade e uma sensação de emoção. Perguntei-lhe se era um artista de performance, e ele disse “Não”, ele era um camionista do norte. Tinha lido uma notícia sobre esta praia naturista e estava intrigado. Assim, preparou todo um processo de tentar a praia de Hanlans pela primeira vez, o que envolveu trazer roupas diferentes, experimentá-las na água e, mais tarde, entrar na água depois de remover todas as roupas. Passou por mim mais tarde naquele dia com os polegares para cima, sorriso e pele molhada, mostrando-me que tinha ido nu.

O “homem de negócios” permitiu-me fotografá-lo naquele dia e essas imagens provocaram muita discussão com amigos e colegas. O seu ato na altura e as imagens que eu captei, mexem com os espectadores de maneiras poderosas. Gostaria de ter entendido mais sobre as motivações desse homem no curto tempo que o conheci. Há toda uma experiência de vida e as necessidades / desejos atuais que o compeliram, coisas que só ele conhece verdadeiramente. Estar no mesmo lugar e tempo com este homem foi um feliz acaso. Ele mexeu com muitos dos meus interesses, incluindo o relacionamento da roupa com a identidade, poder e género, bem como novas explorações de experiências viscerais e energéticas da água. Acho as pessoas fascinantes.

Sendo inspirada pelas ações deste homem, a questão permanece: é preciso ser um “artista” para aceitar e elevar um ritual como este ao nível de inspiração ou significado mais profundo – ou por outras palavras, para fazer arte?

Entrevista por Terry Costa

A Autoridade Local Gerador é alguém que percebe (e bem!) de uma certa zona do nosso país e com quem nós contamos para descobrir um pouco mais dos autores que por aí andam.

ENGLISH TRANSLATION

Terry Costa is our local Author in the Azores, because it is from there that he conceives. :-)

In the May issue of *Generador Magazine*, we get to know Teresa Ascensão, an artist who works in areas such as multimedia, performance and the visual arts, of which she speaks about. Find out about it here. :-)

Who is Teresa Ascensão behind all the art?

I only recently went public about struggles against attempts to stomp out my sexual agency. These attempts were first imposed on me as a young woman, in the form of emotional and physical violence. They continued for [twenty-five] more years in the form of excommunication. This had a most significant impact on my life, and has been the impetus behind my art.

Without speaking to anyone about these difficulties, the lives of women surrounding me and on Canadian television constantly reminded me that I should have equal rights and be treated with respect. These messages were far greater in number and strength than the ones to conform. I rebelled against the coercions, and eventually escaped - to save my soul. This fight brought a lot of pain, but mostly freedom. As a result, I become someone who pushes up against social pressures in conforming to normative gender roles.

At a young age, I learned to mentally and spiritually escape difficult times by delving into visual art. I discovered that not only could I express pain through art, but also create worlds that made me happy. Art was like a friend who unconditionally listened, understood and presented a better future.

It has taken a long time to find peace in life. Much of my peace came from grappling with questions around gender and sexuality, and giving myself a voice through art making. As I enter midlife, I've learned to expand on that peace by gifting myself with acts of goodness, such as healthy foods, sunshine, sexual pleasure, quiet and creative times alone, and surrounding myself with friends and family who share similar values.

Nudity and heritage are a major part of your artistic identity. How has it been embraced in the world? Have Portuguese audiences (in Portugal and Diaspora) been a part of the process?

I see heritage as a double-edged sword. On one edge, heritage over long periods of time carves out beautiful things like the unity of a people, refined artisanal works, heartwarming dishes, mastery of folk instruments, song and fine wines. On the other edge, heritage slices up a series of rules and rituals that exclude, oppress and even do violence onto those who don't conform. From my experience, these are the double standards and repercussions that women experience when behaving like men. They can be ignored, hushed or frowned upon for expressing a strong public voice, or be negatively judged, excommunicated and physically violated for expressing sexual agency.

The artworks referring to heritage, such as *Laced Cobblestone*, are quickly embraced by Portuguese and their diaspora. Once complete, audience members automatically relate to the traditional imagery. What throws people off is how I create the work on my knees in mid day, labouring over cobblestones for hours on a traffic island. I wanted to feel what it's like for men to perform manual labour under the hot sun. I ended up with sun stroke. I also received lots of confused and concerned stares. And when the work disappeared with the rain, there was another element of confusion, because visual art is supposed to last. *Laced Cobblestone* was intentionally created with impermanent materials to draw attention to the fragility of crochet work and the invisibility of women's domestic work, which is not public like men's labour.

Nudity is a newer element in my work, which only recently made its way to the surface of my practice. It started on Hanlans clothing optional beach in Toronto. Literally, I began to peel away the layers of culture that hyper-sexualizes, shames, excludes and normalizes the body – a culture that dismisses the whole genuine person in favour of idealized body forms and behaviors. Hanlans was where I became a naturist for purposes of self-acceptance and self-love. This was also the beginning of becoming comfortable using my body to express myself creatively.

Works incorporating nudity, such as a series of photographs entitled *Dressing*, and a performance artwork called *Helping*, are newer works yet to be presented to Portuguese audiences. I posted a few samples to Facebook with reluctance because I assumed some of the friends and family I have connections with on Facebook hold traditional Azorean values rooted in Catholicism. On one hand I was surprised and touched by support I received from a couple of cousins, but on the other hand I've been flagged for what was deemed inappropriate content. More recently, I was posting artists' works from *Naked State* art residency, which I produce. This is a ten-day residency, whereby International artists, and myself as Facilitator, live as naturists (in the nude) within a naturist community to create artworks exploring the nude human body in context of nature, culture and art. This time, I received a second warning from Facebook banning me for twenty-four hours. I understand the penalties escalate until the account is shut down. There is a fine line in interpreting what Facebook allows as art nudes. There is also no way to know who flagged my work. It does not mean it was people who hold traditional Azorean values. It could have been anyone. Time will tell how the work is received in real world exhibitions.

Working with the earth and creating your own pigments has taken you beyond what you were first imagining?

I believe you are referring to the flour and water paste I used to create Laced Cobblestone at Azores Fringe Festival, and Daily Bread, a series of photographs made from plant juice emulsions. I'm needing a more direct and physical connection in the creative process and outcomes of my work. Even though I have worked with media art and photo based mediums, I always select different mediums to express through - whichever most directly carries the meaning of the work. For example, in Maria, a series of lenticular photographs reminiscent of 3D Catholic souvenir cards, I humorously explore female sexual taboo within Azorean Catholic culture.

Perhaps now that I've introduced my own body directly into my practice, the earthy materials and processes I previously embedded in the photo and media artworks are now also surfacing - almost as if I'm bringing the Maria series to real life. Through the creative process, I'm allowing my body to physically engage with materials such as flour and fabrics. I'm planning on a performance artwork entitled Wearing Black. It will be a site-specific installation performed with black fabrics and white flour. I will limit myself to colour, material and space as the foundational structure for this work. Experimentation with installation site, fabric constructions and bodily movements will guide the process and outcomes. After I begin exploring Wearing Black during Azores Fringe Festival in 2017, I hope to propose it for a residency at Arquipélago Contemporary Arts Center, São Miguel.

Can you describe your favourite moment in your artistic career so far?

This moment in my career right now is my favourite. For the first time, I'm enjoying the creative process and no longer only focusing on the goal of the final product. In the past I used to get stressed out about things that might not work. Fifteen years of experimenting with various mediums, and the fact that somehow the artworks always come to fruition, has given me enough faith to let go of that anxiety.

I have also been enjoying the presentation of the artworks. This fall, I took great pleasure from performing as a dancer in Water Portals - a durational artwork activated by live dancers' bodies beneath a veil of artificially generated water ripples. In performing Water Portals, I realized I'm now living a dream, performing in my own body. As a child I wanted to be a dancer, but eventually ended up a visual artist because visual art allowed me to distance myself from, and even be anonymous to, audiences. It felt safer. It's only now in life that I am gaining confidence to express myself through my body and through movement. I've been taking movement art and performance art workshops, to help incorporate these into future works.

What inspires you?

People who tell me their stories. Feeling one with the nature. Believing in freedom. Helping make change.

What is a question you would like to answer and no one has asked you yet?

My question is: Can you expand on the previous question and describe something that recently inspired you?

Last summer at Hanlans beach, a man suddenly walked into the water to where I was swimming. He walked in with his shoes, his tie and business suit. A multitude of questions raced through my mind wondering why he was doing this. Later, some friends told me they thought he was attempting suicide. I didn't think so because I could see his face as he approached. It was filled with curiosity and a sense of thrill. I asked if he is a performance artist, and he said "No", he's a truck driver from up north. He had read a Toronto Star news article about this clothing optional beach and was curious. So he prepared a whole process of experiencing Hanlans beach for the first time, which involved bringing different suits, trying them out in the water, and ending up without clothing later on. He passed by later that day with a thumbs up and smiles, showing he had gone nude.

The man allowed me to photograph him that day, and those images have provoked discussion with friends and colleagues. His act at the time, and the images I captured, resonate with viewers in powerful ways. I wish I could have understood more about this man's motivations in the short time I met him. There is a whole life experience, and current needs/desires that compelled him, which he only truly knows. Being in that same place and time with this man was serendipitous. It struck a cord across many interests of mine including: clothing's relationship to identity, power and gender; as well new explorations of visceral and energetic experiences of water. I find people fascinating.

Being so inspired by this man's actions, the question I cannot answer is: Does one have to be an "artist" to accept and elevate a ritual such as this to the level of inspiration and deeper meaning - in other words, art?